

O que une Sarney a Collor

Ricardo Noblat

Um amigo sincero do presidente José Sarney aconselhou-o no início do ano: "Se não puder ganhar a eleição de novembro, não a perca". Ganhar a eleição significaria Sarney eleger ou ajudar a eleger o sucessor. Perder a eleição seria, por exemplo, o presidente apostar em um candidato e dar outro. Ou se opor à eleição de um determinado nome e vê-lo eleito mais tarde. Não seria boa coisa para ele.



A 15 de janeiro último, ao desembulhar o Plano Verão contra a inflação, Sarney imaginou que ele poderia vir a dar certo — e, dando, restabelecer a capacidade do governo de influir na escolha do próximo presidente da República. Operou-se a mágica de, subvertendo o calendário gregoriano, espichar o mês de janeiro, para efeito do cálculo da inflação, e diminuir o já reduzido mês de fevereiro.

A inflação de janeiro foi gigantesca. Alegou-se que ela incorporara aumentos de preços autorizados antes e depois da divulgação do plano. A inflação de fevereiro foi magra. Nada se alegou. As vozes oficiais declararam que ela era uma prova evidente de que o governo conseguira deter o processo de descontrole dos preços. De imediato, Sarney animou-se a interferir no processo de indicação do candidato do PMDB a presidente.

Inspirou os moderados a baterem chapa com Ulysses e a esquerda para a eleição do novo Diretório Nacional do partido. Deu corda, mais tarde, à aspiração do ministro Íris Resende, da Agricultura, de disputar contra Ulysses a indicação para candidato à sucessão. Na última hora, ao constatar que Íris seria derrotado, tentou atrair o governador Orestes Quêrcia para sair candidato contra Ulysses ou com o apoio dele.

Não desistiu de querer influir na eleição do seu sucessor nem depois que todas essas coisas deram erradas: cogitou de montar uma chapa com o ex-prefeito Jânio Quadros na cabeça e Íris na vice. Íris escapou. O Plano Verão fez água — como fizeram antes o Plano Cruzado, o Plano Bresser Pereira e o

"feijão-com-arroz" do ministro Mailson da Nóbrega, que por não ser nada, não teve nome de plano.

Jânio enxergou mal o quadro político do país e acabou, precocemente, afastado do páreo presidencial. Uma pena. Ele poderia tornar tudo muito mais divertido. Sarney ficou sem candidato, sem plano contra a inflação, sem nada que possa vir a lembrar, mesmo que vagamente, uma política econômica coerente — e ainda teve de assistir à ascensão nas pesquisas sobre intenção de voto da candidatura do ex-governador Collor de Mello.

Por enquanto, não descobriu ainda o que fazer. Quando descobrir, pode estar certo de que o que fizer dará errado. Enquanto não descobre, abre uma brecha na legislação por onde poderá vir a passar, mais adiante, um novo candidato à sucessão que ele não tem a mínima idéia, no momento, de quem poderá ser — e declara, repete e torna a declarar que adotará a postura de magistrado em relação à eleição de novembro.

Com discrição, alguns dos seus auxiliares e amigos mais próximos começaram a "collorir". O ministro Antônio Carlos Magalhães considera um desrespeito perguntarem se ele está ou pode vir a "collorir". Digamos que ele não está — aderem à candidatura de Collor de Mello as bases políticas do ministro na Bahia, à frente o filho dele, o deputado Luiz Eduardo Magalhães, que jura por todos os santos que não irá "collorir".

Empresários do eixo Rio-São Paulo com amplo trânsito no Sítio do Pericumã ou no Palácio da Alvorada já defendem com entusiasmo a candidatura do ex-governador de Alagoas. O advogado Saulo Ramos, consultor-geral da República, argumenta que a possível eleição de Collor não poderá ser tomada como uma derrota de Sarney. Collor se oferece como um fenômeno eleitoral — e um fenômeno não derrota, preferencialmente, ninguém.

Derrota todos. Um fenômeno é fenômeno. Na campanha presidencial de 60, Jânio bateu duro em Juscelino, que fingiu apoiar o marechal Lott. Jânio e Juscelino se reuniram várias vezes às escondidas durante a campanha. Juscelino preferia ver Jânio eleito porque queria sucedê-lo em 65. Sarney é um político pragmático. As forças que o apóiam, apoiarão Collor, que não o desagrada tanto assim. Veremos.